

# Ó renascimento da Comunicação para a transformação social – Redefinindo a disciplina e a prática depois da ‘Primavera Árabe’

Thomas Tufte\*

## Resumo

No mundo todo, temos experimentado um ressurgimento de práticas multilaterais de Comunicação para a transformação social, uma infinidade de ações em que voz, cidadania e o coletivo tem estado no centro do palco como valores essenciais, de princípios e práticas. Assim, esse artigo objetiva analisar as alterações conceituais advindas desse contexto de mudança, pois o mesmo desperta uma série de questões. A partir de pesquisa bibliográfica, procuramos mostrar que, ao considerar as táticas dos cidadãos na dinâmica comunicativa da sociedade em rede, as instituições podem desenvolver uma sensibilidade de modo a ver os cidadãos como agentes da transformação social.

**Palavras chave:** Movimentos sociais. Comunicação para o desenvolvimento (ComDev). Comunicação para a transformação social. Novas mídias digitais. Primavera árabe.

## The revival of Communication for Social Change – Redefining the discipline and practice after the ‘Arab Spring’

### Abstract

In all world, we have experienced a resurgence of practices multilateral communication for social change, a multitude of actions in which voice, citizenship and the collective has been at the center stage as essential values, principles and practices. Thus, this article aims to analyze the changes resulting from this conceptual context of change, because it raises a number of questions. Using a

---

\* Professor doutor do Curso de Comunicação do Departamento de Estudos da Comunicação da Universidade de Roskilde, Roskilde, Dinamarca, e também ‘Senior Research Associate’ na Faculdade de Ciências Humanas na Universidade de Johannesburgo, Johannesburgo, Africa do Sul. E-mail: ttufte@ruc.dk

bibliographic research, we show that, when considering the tactics of citizens in communicative dynamics of the network society, institutions can develop a sensitivity in order to view citizens as agents of social transformation.

**Keywords:** Social movements. Communication for Development (ComDev). Communication for social change. New digital media. Arab Spring.

## El renacimiento de la Comunicación para el cambio social – La redefinición de la disciplina y la práctica después de la 'Primavera Árabe'

### Resumen

En el mundo, se ha experimentado un resurgimiento de las prácticas de la Comunicación multilateral para el cambio social, una multitud de acciones en que la voz, la ciudadanía y el colectivo ha estado en el centro del escenario como valores esenciales, principios y prácticas. Este artículo tiene como objetivo analizar los cambios que resultan de este marco conceptual del cambio, ya que plantea una serie de cuestiones. Utilizando una investigación de la literatura, se muestra que, al considerar las tácticas de los ciudadanos en la dinámica comunicativa de la sociedad en red, las instituciones pueden desarrollar una sensibilidad para poder ver los ciudadanos como agentes de transformación social.

**Palabras clave:** Movimientos Sociales. Comunicación para el Desarrollo (ComDev). Comunicación para el cambio social. Nuevos medios digitales. Primavera árabe.

### Introdução

Quando ensino Comunicação para a transformação social, frequentemente começo os cursos e palestras destacando a contradição inerente no conceito de “Comunicação para a transformação social”. Assume-se que, comunicando-se numa maneira específica o grupo ou organização por trás da intervenção da Comunicação pode orquestrar um processo de mudança particular, como uma mudança de comportamento, social ou até mesmo uma mudança política. No entanto, se olharmos para trás na história, estamos frequentemente enganados nesta suposição. Grandes mudanças no desenvolvimento da sociedade têm sido, historicamente, processos que começaram de baixo para cima, crescendo a partir de grupos de pessoas que se mobilizaram, se organizaram e defenderam seus casos – comunicando suas causas e alcançando seus direitos.

O movimento das mulheres no final do século 19 e início do século 20 é um exemplo óbvio. O movimento dos direitos civis nos Estados Unidos na década de 1950 e 1960 é outro. Muitos dos movimentos sociais que lutaram contra as ditaduras militares latino-americanas na década de 1970 e, especialmente, da década de 1980 são outros exemplos. Estes movimentos foram bem sucedidos em dar voz e espaço para seus protagonistas e bem sucedidos também em articular a ação cívica e coletiva – e eles foram bem sucedidos em realçar as reivindicações dos cidadãos para um papel no desenvolvimento de sua sociedade.

Hoje, parece que estamos testemunhando processos semelhantes, que emergem de baixo para cima, na forma dos movimentos sociais emergentes em todo o mundo – a Primavera Árabe, o movimento Occupy, o movimento Autônomo, o uso do Ushahidi, os Indignados. Estes são os nomes e slogans dados a processos de mobilização social e ação coletiva que tem pelo menos um denominador comum: a chamada para um processo de desenvolvimento mais inclusivo, no qual os desempregados, os jovens, as mulheres, os pobres, os marginalizados, ou simplesmente o cidadão de baixa renda exige ser ouvido.

As novas mídias digitais exercem um papel central nesses movimentos sociais contemporâneos, circulando a informação, abrindo espaços para críticas sociais e facilitando novas formas de mobilização social. Neste sentido, 2011 foi um ano seminal, que deu origem a muitos movimentos sociais de importância contínua.

Enquanto o papel crucial da mídia e da Comunicação nos processos de mudança social torna-se cada vez mais evidente, esse reconhecimento crescente, ironicamente, não está, principalmente, ligado ao campo da Comunicação para o desenvolvimento e mudança social – nem com a recente institucionalização da prática da Comunicação em grandes agências de desenvolvimento, nem como é ensinada no mundo acadêmico. A maioria das agências de desenvolvimento está focada no desenvolvimento de espaços verticais de participação, em que o público-alvo, através de intervenções estratégicas de Comunicação, é “convidado” a participar, ganhar conhecimento, deliberar, participar de debates e mudanças

de comportamento. No entanto, estas práticas de Comunicação para a transformação social pouco ou nada têm em comum com a nova geração de movimentos sociais.

As diferenças entre as práticas de uma Comunicação institucionalizada para o desenvolvimento (ComDev), e a mobilização de movimentos sociais e Comunicação por justiça e mudança social são, em parte, explicadas por suas diferentes abordagens à participação. As agências de desenvolvimento geralmente entendem a participação como processo social intimamente ligado a programas e ciclos de projetos e à lógica subjacente que informam sua inércia organizacional (TUFTE; MEFALOPULOS, 2009). Processos de participação cidadã como os observados durante as muitas mobilizações sociais em 2011 dificilmente se encaixam na lógica da maioria das organizações de desenvolvimento.

Embora muito empenhadas na participação e nos processos dirigidos pela população, as organizações de desenvolvimento dificilmente são capazes de se conectar com o que está acontecendo nos espaços horizontais de deliberação criados por movimentos sociais contemporâneos. Mobilizações sociais importantes que ocorrem fora das arenas institucionais e formais estão gerando processos não vistos antes de deliberação, crítica social e política, ação coletiva e mudança social. No entanto, eles estão fazendo isso sem estruturas organizacionais claras, sem associação fixa, nenhuma estratégia de Comunicação explícita no papel e, muitas, como um movimento “em fluxo”, que é difícil de identificar, monitorar e avaliar claramente.

Muitos movimentos sociais contemporâneos se ajustam às “redes segmentadas, policêntricas e integradas”, os grupos de modelo SPIN (GERLACH; HINES, 1968), que Gerlach e Hines definiram em 1968 e sobre as quais Lance Bennett (2003) refletiu mais recentemente:

Ao contrário dos exércitos, a maioria das redes de ativistas globais não apresenta um comando hierárquico de organização. E ao contrário das máfias, eles têm uma comunicação muito mais refinada e com capacidades deliberativas. Talvez a melhor forma de se levar em conta o tipo de organização dos movimentos que contam com vastas redes de contato para perseguir objetivos diversos de justiça social em nível global é o modelo SPIN proposto por Gerlach e Hines (1968), e adaptado por Gerlach (2001).

Os discursos dominantes usados dentro da Comunicação para o desenvolvimento e mudança social hoje têm crescido principalmente fora de organizações que produzem Comunicação Institucionalizada na forma de “campanhas” e práticas comunicativas semelhantes. Em contraste com estes espaços de prática comunicativa, os movimentos sociais utilizam tecnologias e Meios de Comunicação como uma prática incorporada aos espaços que eles criam fora dos sistemas formais de governo e organização social – espaços que eles reclamam e ocupam. É esta lacuna intrigante entre espaços institucionalizados e com sistema orientado para a Comunicação e participação, e os espaços informais e não institucionalizados que deveria provocar as organizações envolvidas na Comunicação para a transformação e o desenvolvimento social.

Esta lacuna sempre existiu, como podemos ver mais expressivamente na Comunicação para as práticas de mudança social que surgiram dos movimentos sociais latino-americanos das últimas cinco décadas (GUMUCIO-DAGRON; TUFTE, 2006). Ela, no entanto, está sendo rearticulada hoje, em muitos movimentos sociais que varreram o mundo em 2011 como os estudantes enfurecidos no Chile, os malawianos frustrados com o impasse político, e a juventude britânica marginalizada que levou às ruas, só para mencionar alguns exemplos.

No mundo todo, temos experimentado um ressurgimento de práticas ‘de baixo para cima’ (*bottom-up*) de Comunicação para mudança social, uma infinidade de ações em que voz, cidadania e a ação coletiva estão no centro do palco como valores essenciais, de princípios e práticas. Este ressurgimento desperta uma série de questões:

- Como são estes novos pedidos de mudança social e como seus princípios e práticas comunicativas influenciam e conformam o pensamento e a prática da Comunicação Institucional para o desenvolvimento e a transformação social?
- E quais as diferenças conceituais subjacentes às noções de ação, participação e transformação social que perpassam a nova geração de movimentos sociais de um lado, e o campo estabelecido de Comunicação para a transformação social, por outro?

Essas são as perguntas que movem este trabalho. Dada a instigante lacuna descrita acima, defendo abaixo que a Comunicação para o desenvolvimento e a transformação social, tanto como um campo acadêmico quanto como uma prática comunicativa, está em uma encruzilhada fundamental. À luz dos novos desenvolvimentos de mídia digital e um maior engajamento cidadão através destes Meios de Comunicação, a ComDev como disciplina e prática está sendo fundamentalmente desafiada. Em segundo lugar, refletimos e exploramos a forma como a sociedade em rede e o desenvolvimento da mídia estão criando novas dinâmicas entre os cidadãos e os governantes. Defendemos que os desenvolvimentos recentes estão agitando o nosso pensamento de uma maneira altamente produtiva, como um “sacode”, obrigando-nos a reexaminar criticamente atuais escolas de pensamento e a produzir novos *insights* sobre como podemos conceituar e usar a mídia e Comunicação para articular a mudança de comportamento, justiça social e transformação política.

Realizamos uma breve revisão das atuais escolas de pensamento, analisando três tipologias recentes de pensamento e prática da ComDev. O primeiro é o esboço de Linje Manyozo de seis escolas de pensamento dentro de Comunicação para o desenvolvimento. Manyozo teoriza sobre tipologia de lugares, pessoas e práticas comunicativas dentro de uma matriz geográfica e institucional (MANYOZO, 2004, 2006). A segunda tipologia é a minha própria organização geral de campo, destacando três gerações de Comunicação para o desenvolvimento e colocando-as em uma matriz heurística estruturada em dez características conceituais (Tufte, 2004). Finalmente, reviso o modelo de convergência de Rafael Obregon e Mario Mosquera, que identifica uma série de características em campo, colocando-as em continuidade e argumentando que não há uma abordagem única, mas apenas a flexibilidade e convergência entre todas as opções nesta continuidade (OBREGON; MOSQUERA, 2005). Todas as três tipologias antecedem os últimos acontecimentos de mobilização social e de desenvolvimento tecnológico.

Na parte final deste artigo, refletimos sobre como os novos movimentos sociais e o avanço da tecnologia dos meios digitais estão

combinando para reabrir o campo de ComDev para as virtudes e o potencial de processos de mudança oriundos do povo, articulando um renascimento da nossa disciplina e do campo da prática, nos ajudando a regenerar valores e princípios fundamentais e a formular uma nova heurística, conceituando, analisando e compreendendo o papel atual e futuro dos cidadãos e suas reivindicações para a participação nos processos de desenvolvimento mais inclusivos.

### Comunicação para o desenvolvimento em uma encruzilhada

Nosso apontamento inicial é que a Comunicação para o desenvolvimento e transformação social, tanto como disciplina científica como uma prática comunicativa, está numa encruzilhada.

Quatro grandes questões sustentam isso:

- a) O surgimento de uma nova geração de movimentos sociais como atores-chave nos processos de desenvolvimento é um desafio às estruturas de poder na sociedade. Apesar de terem algumas características semelhantes aos movimentos ‘*pos-materiais*’, baseadas em questões de identidade, que surgiram nas décadas de 1960 e 1970 (INGEL; HARDT, 1977, TOURRAINE, 1981, MELUCCI, 1985), estes movimentos, conhecidos como os “novos movimentos sociais”, parecem também se voltar para articular questões e levantar demandas altamente relevantes para o emprego, renda, moradia, alimentação e educação – as questões de direitos sociais e econômicos dos movimentos sociais da era industrial. No contexto da atual onda global de movimentos sociais, Thompson e Tapscott (2010, p.2-4) nos lembram de sermos cautelosos sobre a nossa compreensão de movimentos sociais como sendo sustentadas em paradigmas ocidentais.
- b) O desenvolvimento e a proliferação da telefonia móvel e da internet contribuem para a articulação de novas dinâmicas sociais e políticas: as novas relações estão surgindo entre os governantes e os cidadãos, entre a mídia e os ativistas, e entre os espaços *offline* e *online* de deliberação

(LIEVROUW, 2011, SÁEZ, 2011, THOMAS, 2012). No entanto, os novos meios de desenvolvimento da mídia também estão resultando em empresas de Comunicação privadas emergindo como forças motoras, promovendo e reforçando a economia e um processo de desenvolvimento orientados para o mercado.

- c) A sociedade civil passou por uma grande transformação nos últimos 15-20 anos, a nível local, nacional e transnacional (ALBROWET et al. 2008, GAVENTA; TANDON, 2010). Organizações não-governamentais, em particular, têm conquistado um papel central nos processos de desenvolvimento como agentes fundamentais da defesa e da mudança. Isso está levando a novas relações de poder nos processos de governo.
- d) Finalmente, a mudança da economia política da chamada ‘indústria de desenvolvimento’ e as profundas mudanças no conceito de desenvolvimento estão relativizando o termo cada vez mais e, com isso, torna-se cada vez mais complexo definir desenvolvimento. O discurso ocidental sobre o desenvolvimento está perdendo o seu domínio global. Um questionamento fundamental dos modelos ocidentais de desenvolvimento que dominaram os discursos desenvolvimentistas após a Segunda Guerra Mundial faz com que os novos discursos pós-desenvolvimento surjam invocando uma série de novos paradigmas. Os novos paradigmas vão desde o modelo de crescimento da China tecnocrática, centrado em torno de seu próprio crescimento econômico nacional misturado com o confucionismo, às reivindicações latino-americanas de um processo de desenvolvimento sustentável, baseado em noções de “Buen Vivir” (SILVA, 2011), que ressoam com algumas dimensões do índice de Felicidade Interna Bruta do Butão, que está recebendo uma crescente atenção internacional (URA; GALAY, 2004).

Todas as quatro dimensões – uma nova geração de movimentos sociais, a proliferação de novos Meios de Comunicação Digital,



o crescimento e expansão da sociedade civil e o fortalecimento dos discursos pós-desenvolvimento – estão definindo novos contextos, atores e dinâmicas dentro dos quais temos que redefinir a disciplina e a prática da Comunicação para o desenvolvimento e a transformação social.

### Movimentos sociais e mídias sociais

Como resultado do ano turbulento de 2011, toda uma sub-disciplina sobre os Meios de Comunicação e estudos de Comunicação ganharam terreno, com análises e teorias sobre os movimentos sociais, políticas insurgentes e novas formas de deliberação e Comunicação. Anterior a isto, John Downing passou anos reunindo uma compilação maciça dos Meios de Comunicação dos movimentos sociais (DOWNING, 2010) que ilustra a amplitude da experiência histórica e contemporânea dos movimentos sociais, utilizando os Meios de Comunicação no cumprimento de agendas.

Ele ilustra claramente que o uso dos Meios de Comunicação pelos movimentos sociais não é novidade – apenas acaba de se tornar mais visível e generalizado com o advento da “Primavera Árabe” e os movimentos associados. É, no entanto, justo dizer que as relações dinâmicas emergentes entre os usos das mídias sociais e a mobilização social são apenas brevemente explanadas na enciclopédia de Downing. Embora muitos dos exemplos reunidos sejam anteriores à era de ativismo de mídia social, eles são ilustrativos das múltiplas formas de Comunicação usadas em movimentos sociais.

Em seu livro *Communication Power* (2009), Manuel Castells (2009, p.302) reforça o potencial da “auto-comunicação de massa”, que abre as mídias sociais a algumas possibilidades:

Em um mundo marcado pela ascensão da auto-comunicação de massa, movimentos sociais e políticas insurgentes têm a chance de adentrar o espaço público a partir de múltiplas fontes. Usando ambas as redes de comunicação horizontais e os principais meios de comunicação para transmitir suas imagens e mensagens, eles aumentam suas chances de tornar válida a mudança social e política - mesmo que eles comecem de uma posição subordinada ao poder institucional e recursos financeiros ou legitimamente simbólicos.

Castells mostra o papel estratégico que as novas mídias sociais desempenham na articulação de uma mudança social e política. No entanto, ele não vai tão longe a ponto de vincular a teoria da Comunicação com a teoria do movimento social.

Uma tentativa útil de construir esta ponte teórica é encontrada no trabalho de Anastasia Kavada (2011). Reunindo teoria dos movimentos sociais, Comunicação Política e Comunicação Organizacional, Kavada desenvolve um quadro conceitual e uma tipologia com a qual entende e discute a centralidade da mídia e da Comunicação nos movimentos sociais. Sua tipologia descreve quatro fluxos de Comunicação Digital: a partir da negociação de ‘como ser membro’ para ‘auto-estruturação organizacional’ e de ‘coordenação de atividade’ para ‘posicionamento institucional’. Este quadro de Kavada é um esboço promissor de como podemos trazer a análise dos Meios de Comunicação e práticas de Comunicação para perto da teoria do movimento social.

### Mídia e cidadania

Como todos sabemos, a relação entre a produção de conteúdo de mídia e tecnologia e audiência passou por uma transformação significativa nos últimos anos. Fundamentalmente, o que está acontecendo é que o desenvolvimento de novas mídias digitais – especialmente telefones celulares e internet – tem alterado a relação entre emissor e receptor no processo de Comunicação. Esta é uma mudança fundamental na lógica e na prática comunicacional que nos obriga a repensar a forma como conceituamos e praticamos a Comunicação para o desenvolvimento.

Por um lado, conceitos como “*prosumer - prosumidores*”, “*produser - produzúarios*” e noções similares indicam a quebra de dicotomias tradicionais na linha clássica e na lógica de modelos lineares de Comunicação. Um consumidor também é um produtor e, mais genericamente, um usuário dos Meios de Comunicação também pode produzir conteúdos próprios para os Meios de Comunicação. As audiências se tornam produtores e os produtores se tornam públicos ou receptores.

Por outro lado, conceitos como conexão pública, engajamento na esfera pública, Jornalismo Cidadão, Jornalismo Participativo, e engajamento cívico fazem parte de um interesse de pesquisa internacional crescente no envolvimento ativo dos cidadãos com a mídia, com a Comunicação e com a mudança social. Todos esses novos conceitos levam a um campo de pesquisa em movimento.

A percepção acadêmica do papel da nova mídia digital em processos de desenvolvimento e de mudança social geralmente é visto de duas maneiras: ou como uma ‘revolução’ na nossa organização das relações de tempo, espaço e sociedade, ou apenas ‘mais do mesmo’, isto é, como uma extensão da “velha mídia” e seu papel na sociedade. Minha abordagem para a nova mídia digital enfatiza estas duas características. Muitos casos demonstram que a internet e a telefonia móvel oferecem uma extensão da mídia já estabelecida e de práticas comunicacionais, proporcionando também novas dinâmicas sociais que estão desafiando a ordem social estabelecida.

Essa “co-evolução” de novas e velhas mídias resulta em alguns usos sociais ainda desconhecidos e a serem explorados pela mídia. Alguns desses usos são, em nossa opinião, uma manifestação de cidadania na vida cotidiana. Este argumento é baseado em uma noção de cidadania em que a prática social é baseada em experiências cotidianas e onde reforçar a cidadania é mais do que o direito de voto. Trata-se de pessoas comuns sendo “os requerentes de desenvolvimento” ao invés de serem apenas os beneficiários (GAVENTA, 2005, p.xii).

A cidadania não é apenas um conjunto de direitos e responsabilidades concedidos pelo Estado, mas é uma prática social multidimensional que fala com as identidades e ações das próprias pessoas. Os cidadãos não são apenas as audiências ou receptores baseados em estratégias de Comunicação para a mudança. Eles são igualmente vistos como participantes ou ativistas para a mudança.

Ação cívica é, portanto, a manifestação ativa dos cidadãos como requerentes de desenvolvimento, um processo no qual a identidade e a ação se integram na ação comunicativa deliberada para a transformação social. Tornando-se produtores de mídia, jornalistas cidadãos e blogueiros, e assumindo papéis participativos

nestes processos de desenvolvimento mediatizado é uma parte integrante desta nova era.

### **A voz, o espaço e o desafio de um paradigma de desenvolvimento neoliberal**

Afirmamos acima que nós, como estudiosos da ComDev, nos encontramos numa encruzilhada em nossa compreensão de como conceituar e praticar a Comunicação para o desenvolvimento. Dois pontos devem ser levantados. O primeiro é que os novos desenvolvimentos de mídia digital, de fato, nos oferecem um novo modelo de Comunicação que não é linear, de sentido único, ou de cima para baixo. É dinâmico, interativo e multidirecional, e abre para múltiplas formas de engajamento cidadão. No entanto, o outro é que também devemos ser cautelosos sobre superestimar o papel dos Meios de Comunicação social em articular as mudanças políticas que temos visto acontecer, por exemplo, na Tunísia e no Egito. Usos entusiastas dos Meios de Comunicação estão, no máximo, eu diria, raspando o topo de um iceberg cheio de desemprego, insatisfação, frustração, pobreza e direitos humanos subjulgados. O descontentamento das pessoas com não serem incluídas nos processos de desenvolvimento de seus próprios países – e esses não são novos sentimentos – está levando a articulações em grande escala, atingindo esferas públicas, além de faiscando em muitos processos de mudança.

Fundamental para essas discussões é uma afirmação renovada da voz. Após exclusões históricas das vozes dos cidadãos em muitos processos de desenvolvimento em todo o mundo, estes processos de desenvolvimento injustos já estão sendo desafiados, e 2011 marca uma profunda mudança neste sentido. Isto está forte na crítica do estudioso britânico Nick Couldry dos processos de desenvolvimento neoliberal que caracterizam os nossos tempos (COULDRY, 2010).

Couldry formula uma crítica fundamental do paradigma de desenvolvimento neoliberal que influenciou as grandes organizações de desenvolvimento em todo o mundo. Sua principal crítica é que

as nossas formas de pensar o desenvolvimento historicamente não foram muito inclusivas. Não houve formas adequadas e os meios para garantir aos cidadãos uma voz sólida nos processos de desenvolvimento. Ele conclui seu livro destacando os desafios de uma política pós-neoliberal, e alguns dos novos recursos importantes que uma política pode desenhar. Ele fala das “novas tecnologias de voz” (COULDRY, 2010, p.139), destacando cinco novas possibilidades que a mídia e tecnologia estão permitindo. São elas:

- Primeiro, que *as novas tecnologias estão permitindo que a voz em público fale para uma gama muito maior de pessoas*. Isso já é aparente, embora as questões de falta de acesso, recursos e competências ainda produzam barreiras digitais.
- Em segundo lugar, *um conhecimento mútuo muito maior dessas novas vozes surgiu*. Podemos circular mais histórias, mais rápidas e mais eficientes. Em outras palavras, as comunidades imaginadas que Benedict Anderson falou na era dos Meios de Comunicação há algumas décadas (ANDERSON, 1983) se materializaram como comunidades de rede em tempo real para uma proporção crescente da população mundial.
- Em terceiro lugar, *estamos vendo novas escalas de organização graças à internet*. Os eventos durante a Primavera Árabe são exemplos disso. Muitas manifestações se organizam por meio de comunicações virtuais. Isto combina com a ênfase de Kavada (2011) sobre “organização de auto-estruturação”.
- Em quarto lugar, *a nossa compreensão dos espaços que são necessários para a política organizacional agora mudou*. Como o cientista político americano Lance Bennett argumentou, a rede dinâmica torna-se a unidade de análise em que todos os outros níveis – organizacional, individual e político – podem ser analisados de forma mais coerente. Mais uma vez, no entanto, este é o caso em algumas sociedades, mas não em outras.
- Finalmente, e muito importante, *todas as alterações acima mencionadas estão gerando o potencial para novas formas de es-*

*cuta*. Isso ressoa com Wendy Quarry e Ricardo Ramirez, que chamam a atenção para ‘ouvir antes de falar’ em ComDev (QUARRY; RAMIREZ, 2010). Os Governos não podem mais não ouvir as vozes das pessoas como novas relações possíveis entre os cidadãos e os políticos.

Embora cauteloso sobre como avaliar essas oportunidades, o esboço de Coudry fornece interessantes caminhos analíticos para o estudioso de ComDev analisar e para o praticante de ComDev traçar estratégias ao seu redor. Enquanto os grandes levantamentos sociais de 2011 utilizaram as novas mídias digitais para a articulação de vozes fortes socialmente e politicamente excluindo forças dos processos de desenvolvimento em curso, a descrição das “tecnologias de voz” de Coudry aparece como uma fonte para mover-se para além do paradigma de desenvolvimento neoliberal.

### Agentes de transformação

Dentro da história recente do desenvolvimento, temos visto um desenvolvimento global, rápido e significativo da sociedade civil. Tem havido um enorme crescimento no número de organizações, e isso mudou as relações entre os cidadãos e os governantes. Alguns estudiosos ainda falam de ONG’s de desenvolvimento.

Em meio a esse desenvolvimento da sociedade civil, plataformas de mídia orientadas para a sociedade estão crescendo e convidando os cidadãos a se envolver e participar. Essas plataformas costumam usar os Meios de Comunicação de Massa – a mídia impressa e plataformas de mídia da comunidade –, mas elas também estão rapidamente se abrindo para as novas oportunidades de produção de mídia dirigida pelo próprio cidadão, tanto em notícias como em outras formas de produção de conteúdo. Kavada lida com isso com mais detalhes ao falar de plataformas de Comunicação baseadas na internet.

Um exemplo de uma plataforma de mídia orientada pela sociedade civil é Femina HIP, a maior de seu tipo na África Oriental, com oito diferentes Meios de Comunicação na Tanzânia, incluindo

duas das maiores revistas impressas do país, um bem-sucedido programa de televisão e um programa de rádio. Femina HIP é uma ONG com aspirações de criar um movimento social para a juventude em todo o país, a fim de participar no processo de desenvolvimento da Tanzânia (TUFTE, 2011).

Um exemplo inovador da utilização de plataformas de mídia social para a mobilização, documentação e deliberação é Ushahidi no Quênia, software de mapeamento de multidão que está sendo cada vez mais usado para envolver os cidadãos com uma variedade de desafios de desenvolvimento. Ele funciona como uma plataforma web baseada em telefone móvel e agregados e com os canais das preocupações e observações dos cidadãos, atendendo a uma série de ONGs quenianas como uma plataforma de mídia útil para fins de defesa e responsabilidade. Como uma plataforma integrada construída sobre uma estrutura de fonte independente, um canal aberto, ele foi utilizado em uma variedade de outros contextos como no resultado do devastador terremoto no Haiti em 2010, e para as lutas dos ativistas de direitos humanos na Síria em 2012.

O denominador comum é que estas plataformas de mídia orientada por civis convidam os cidadãos a se envolver com o particular, com os direitos humanos, sociais ou os problemas políticos, como detecção de violações e abusos e denúncias, expressando os interesses individuais e da comunidade no processo. Em outras palavras, eles permitem o que Kavada (2011) chama de “coordenação de atividade” quando se analisa os movimentos sociais e seu uso de mídia e Comunicação.

É justo dizer que as fronteiras entre os movimentos sociais e organizações da sociedade civil são, por vezes, difíceis de traçar. Os dois exemplos acima da África Oriental ilustram este ponto. Ushahidi é uma ferramenta de mapeamento de multidão desenvolvida por uma ONG e cada vez mais utilizada por ativistas, tanto no Quênia e no exterior, enquanto Femina HIP é sucesso com a proliferação de seus muitos Meios de Comunicação e ilustra as aspirações da ONG para se conectar com seu eleitorado potencial e articular um movimento social entre os jovens da Tanzânia.

Entre as principais questões que estão surgindo, algumas são: Como e em que medida estas plataformas de mídia emergentes, estão alterando as relações entre os governantes e os cidadãos? Elas estão levando a novos espaços de deliberação e debate público, e novos espaços para a crítica e a ação cívica? Estão conquistando espaços ou são espaços reivindicados? E que diferença isso faria? Estas novas dinâmicas precisam ser muito melhor compreendidas.

Além de ativistas de mudança na sociedade civil, é importante lembrar que outros interessados também estão surgindo. As novas empresas de telecomunicações são importantes motores de mudança na América Latina e na África, mas também no mundo. Sua capacidade de fornecer redes e telefones para uma vasta população parece estar alterando a vida cotidiana de forma fundamental. Está além do objetivo deste artigo explorar este desenvolvimento, mas o fato de que a telefonia móvel e cada vez mais a internet estão se tornando acessíveis e sendo usadas intensivamente identifica a necessidade de novos Meios de Comunicação e pesquisa, bem como pesquisa em ciências sociais mais amplas que explore como a intensificação do uso da mídia social na vida cotidiana diz respeito a processos de mudança social.

### **Redefinindo a disciplina e a prática na era pós Primavera Árabe**

Este artigo centrou-se sobre alguns dos acontecimentos que me levaram a pedir uma revisão fundamental do pensamento e da prática da ComDev. Eles giram em torno de duas questões fundamentais:

- Em primeiro lugar, o fato de que as mobilizações sociais massivas que contestam o desemprego em massa, ditaduras políticas e crises financeiras produziram um chamado “acordar” em torno dos custos sociais e do modelo de sociedade que as muitas décadas de liderança autocrática e pensamento desenvolvimentista neoliberal produziram.
- Em segundo lugar, a nova onda global de ativismo fora das instituições e organizações formais e ligadas aos novos desenvolvimentos de mídia digital trouxe uma dinâmica poderosa na equação das relações entre os cidadãos, o Estado, o governo, a mídia e o setor privado.



Em meio a esse chamado para uma revisão da ComDev, uma importante questão surge: O que exatamente no campo do pensamento e da prática da ComDev precisa ser revisto? Retomo aqui as discussões recorrentes sobre a definição do campo ComDev. Eu percebo três denominadores comuns para a ComDev como conhecemos: um enquadramento normativo de desenvolvimento comprometido com as questões de justiça social, a igualdade e os direitos humanos, uma prática institucionalizada de Comunicação e, conseqüentemente, o uso de formas estratégicas de Comunicação.

Podemos então perguntar: Onde é que os levantes sociais recentes e as lições comunicativas aprendidas deles se inserem no campo da ComDev? O alto custo social do desenvolvimento neoliberal, a re-emergência de ativismo não-formal fora das instituições e o multidirecional uso aberto da Comunicação através das novas mídias digitais fizeram da ComDev como conhecemos um paradigma obsoleto? Já ultrapassamos o campo de teorização e prática em Comunicação para a transformação social para uma Comunicação para a transformação social em contextos de tempo real, não-formal e com ativistas orientados? Provavelmente não: vamos continuar a ver a prática institucionalizada de Comunicação, sistemas de compartilhamento de conhecimento em saúde e no setor rural, as campanhas de Educação Ambiental, a Comunicação para a paz e a Comunicação Comunitária, apenas para citar algumas das áreas da ComDev.

Em seu livro de 2006, *Global Movements: Action and Culture*, Kevin McDonald distingue dois paradigmas complementares ao conceituar movimentos sociais. Eu diria que a sua é uma distinção que podemos usar para diferenciar as duas linhas principais de prática de ComDev que estão delineadas neste artigo: De um lado, a prática ComDev mais estabelecida, conhecida de governos, agências das Nações Unidas e as grandes ONGs, contrastando com a nova geração de movimentos sociais que se tornaram visíveis desde a “Primavera Árabe” e as mobilizações sociais associadas em 2011. McDonald faz uma distinção entre o paradigma institucional e o paradigma identitário da ação

comunicativa. A primeira compreende “ação como estratégia e maximização de oportunidade” (McDONALD 2006, p.214) com foco em estratégia, racionalidade, cálculo e oportunidade (Ibid, p.215). A segunda é a articulação de experiências de “algo maior”, renegando a individualidade (‘deindividuation’) (MARSHALL, 2002), e assim, possibilitando a formação do coletivo desestruturado, o ‘communitas’ (McDONALD 2006, p.216).

É meu argumento neste artigo que, à luz dos levantes sociais de 2011 por todo o mundo, nós, como pesquisadores de ComDev, precisamos rever nossas noções de desenvolvimento, e as nossas percepções de usos de mídia e Comunicação, e reconsiderarmos a possibilidade e as limitações da elaboração de estratégias do nosso caminho para a mudança social. O paradigma identitário de McDonald oferece uma alternativa que dialoga com a temática central dos movimentos sociais que surgiram na década de 1960 e na década de 1970, mas a questão permanece no questionamento de como enxergar as formas de participação e ação cívica que vemos acontecendo hoje, e se, e como elas se encaixam na dicotomia descrita acima. McDonald argumenta em seu livro ainda a respeito de um terceiro paradigma, que está além de ver a ação como representação, e além da ação entendida em termos intencionais (McDONALD, 2006, p.214). Baseado em uma série de estudos de caso dos movimentos sociais atuais ou recentes, McDonald conclui seu livro sublinhando a importância da “personificação como prática”, (*embodiment as practice*) no qual a experiência encarnada é um “modo de presença e engajamento”, que vai além de um pedido de representação. Isto, creio eu, pode ser um bom ponto de partida para uma análise da ComDev e suas possibilidades como um campo de ação na era pós-Primavera Árabe.

A realização de uma análise tão completa está muito além do objetivo deste artigo, mas na preparação para uma agenda de ComDev cada vez mais emergente, eu me concentro em visitar alguns dos últimos enquadramentos sistemáticos do campo.

## Tipologizando' a Comunicação para o desenvolvimento e transformação social

Em um esboço do campo da ComDev, Linje Manyozo, em 2004, sugeriu que fossem colocados juntos os vários atores envolvidos em torno de três nós de localização: geográfica, institucional e ideológica. Ela delineou seis escolas de pensamento: a Escola Latino Americana; Escola Bretton Woods; a escola de Los Baños, a Escola Africana, a Escola Indiana e a Escola de Pós-Freire: ComDev Participativo (MANYOZO, 2004, 2006). Embora um pouco confuso em sua mistura de menções de estudiosos individuais, mídia, estratégias, geografias e instituições, o estudo traz um ponto chave: que a Comunicação para o desenvolvimento e a transformação social é um campo amplo, com instituições, acadêmicos e experiência de Comunicação espalhadas por todo o globo e uma amplitude de teorias. Ironicamente, no entanto, não há qualquer menção do mundo árabe, onde algumas das mais proeminentes formas de Comunicação recente para processos de mudança social emergiram.

Quase ao mesmo tempo em que a tipologia de Manyozo apareceu, dois outros modelos foram publicados: o meu próprio *Three Generations of ComDev* e *The Convergence Model of ComDev*, desenvolvido pelos estudiosos colombianos Rafael Obregon e Mario Mosquera. Meu próprio modelo, publicado pela primeira vez no *Anuário Nordico sobre a Juventude, Mídia e Comunicação*, em 2004, e mais tarde reeditado em Hemer e Tufte (2005), estava preocupado com a identificação de características-chave subjacentes a diferentes formas de edu-entretenimento conhecidas em práticas de Comunicação institucionalizadas, e demonstrando que outras abordagens existiam além dessas práticas embutidas no paradigma dominante de difusão de Comunicação.

Nosso trabalho com edu-entretenimento era um pretexto para explorar a ComDev em geral, e, desde então, afirmamos que as três gerações existem não só dentro do eixo edu-entretenimento, mas também na Comunicação para o desenvolvimento de forma mais ampla. Ao delinear as três gerações no pensamento e na prática

da ComDev, buscamos inspiração na dicotomia ‘clássica’ na qual muitas tipologias da ComDev giraram em torno – de abordagens de difusão contra abordagens participativas. Everett Rogers e Paulo Freire, nesse sentido, surgem como os principais pensadores e representantes de cada um dos seus paradigmas de Comunicação para o desenvolvimento. Nancy Morris produziu uma elaboração útil também em sua análise da prática de Comunicação em saúde (MORRIS, 2005).

Meu modelo de três gerações, apresentado a seguir na Figura 1, serve como uma estrutura heurística com a qual é possível analisar a Comunicação para a prática do desenvolvimento. Defendo que existem três abordagens conceituais gerais representadas nas três gerações. A primeira é a da difusão de inovações, com foco na divulgação de informações e intimamente ligada à Comunicação de mudança de comportamento. A segunda é o foco nas habilidades para a abordagem de Comunicação, promovendo o desenvolvimento de habilidades para a vida ou competências centrais com base principalmente na Comunicação Educativa. A terceira é a da Comunicação para a transformação social, que emerge da pedagogia libertadora de Paulo Freire e os princípios da Comunicação dialógica. É a natureza do problema de desenvolvimento ao qual eles procuram dar a resposta que define a diferença principal entre as gerações. É também importante notar que a estrutura heurística oferece dez conceitos fundamentais a considerar na análise da experiência da ComDev e para determinar, pela sua abordagem, se ela se relaciona principalmente com a primeira, a segunda ou terceira geração.

Figura 1: Três Gerações de Comunicação para o Desenvolvimento

ComDev	Primeira Geração	Segunda Geração	Terceira Geração
Definição do problema	Falta de Informação	Falta de Informação e Habilidades	Estrutura Ineficaz Relações de Poder Conflitos Sociais
Noção de cultura	Cultura como obstáculo	Cultura como aliada	Cultura como 'modo de vida'
Noção de catalisador	Catalisador externo	Catalisador externo em conjunto com a comunidade	Membros internos da comunidade
Noção de educação	Pedagogia bancária Persuasão	Práticas de vida Didática	Pedagogia libertadora
Noção de audiência	Segmentos Grupos alvo Passiva	Participativa Grupos alvo Ativa	Cidadania Atividade
O que é comunicado	Mensagens	Mensagens e Situações	Questões sociais e problemas
Noção de transformação	Comportamento Individual Normas Sociais	Comportamento Individual Normas Sociais Condições Estruturais	Comportamento Individual Normas sociais Relações de poder Condições Estruturais
Resultado Esperado	Mudanças nas normas e no comportamento individual Resultados numéricos	Mudança nas normas e no comportamento individual Debate público e privado	Articulação de processos políticos e sociais Mudança estrutural Ação coletiva
Duração da atividade	Curta	Curta e média	Média e longa

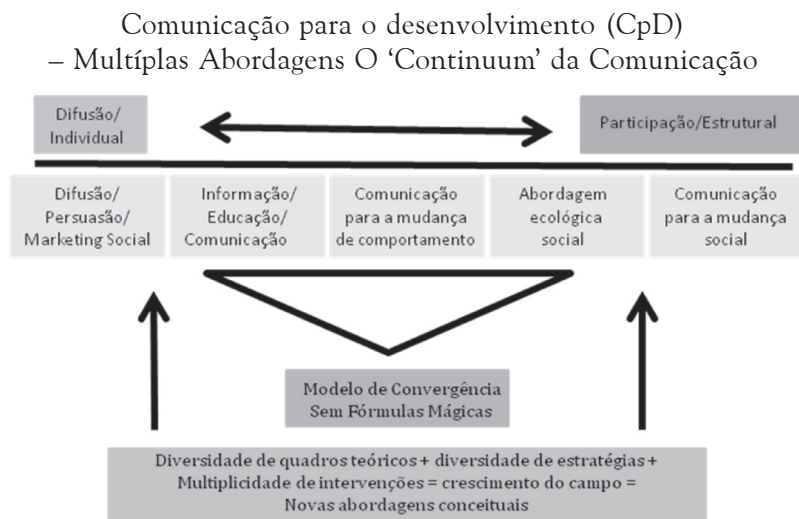
Fonte: Tufte (2004)

O “Modelo de Convergência”, que apareceu na forma de um quadro heurístico em 2005 (OBREGON; MOSQUERA, 2005), oferece outra forma de análise da ComDev. Emergindo de uma

análise com mais profundidade das abordagens de Comunicação na saúde, o modelo desde então tem sido desenvolvido em uma tipologia mais clara das intervenções (ver Figura 2). Essa tipologia distingue entre difusão/persuasão/marketing social; informação, Educação e Comunicação (IEC); abordagens de Comunicação para mudança de comportamento, o modelo ecológico social, e Comunicação para a transformação social. Obregon e Mosquera defendem que a maior parte da Comunicação para a prática de desenvolvimento baseia-se em um mix dessas tipologias. Ela fala sobre o pragmatismo do campo ser menos ideológico e menos impulsionado pela teoria que é defendida por Manyozo, e ser mais dinâmico do que o meu modelo implica.

Ao examinar as três tipologias de ComDev descritas neste artigo, alguns traços comuns surgem. Em primeiro lugar, todas emergem da prática institucionalizada de Comunicação, lado a lado com a lógica do pensamento de uma organização ou de um sistema em que as questões mais amplas e mais profundas de desenvolvimento e mudança social muitas vezes são deixadas de lado. Em segundo lugar, todas elas tendem a conter um imperativo implícito de objetivos pré-definidos. Isto ressoa com a velha discussão dentro da Comunicação para o desenvolvimento: Até que ponto as ONGs, governos ou agências das Nações Unidas que ‘fazem’ ComDev estão dispostas a entregar suas agendas e reformular a direção de suas campanhas, a sua mensagem, os participantes, a sua duração, e assim por diante? Como eles se relacionam com os princípios de “paradigma de identidade” que dirige os novos movimentos sociais das últimas três ou quatro décadas? E quanto, isso tudo, contempla a forma de ação chamada por McDonald quando ele defende a “personificação da prática” (*embodiment of practice*) como uma forma de “ação de entender”, e uma que nos leva além de “apenas” considerar representação como ação (McDONALD 2006, p.214-215).

Figura 2. O Modelo de Convergência em ComDev



Fonte: Obregon; Mosquera (2005)

Encontra-se dentro da lógica desta análise que as tipologias são generalizações da prática que não podem captar a profundidade e a amplitude da mesma. Dito isto, contrastando a nova geração de movimentos sociais e suas dinâmicas sociais e comunicativas com as práticas estabelecidas de Comunicação para o desenvolvimento, como representado acima, há um exercício instigante a partir do qual uma série de características emergem para que estudiosos e praticantes da ComDev passem a considerar. Estas são descritas abaixo.

### Rumo a um renascimento da Comunicação para a transformação social

Escrevemos acima sobre a instigante lacuna entre espaços de Comunicação e participação criados pelo sistema (governo e outras instituições promotoras de programas de desenvolvimento) e espaços informais, não institucionalizados, criados de baixo para cima. Ana-

lisamos algumas das práticas de Comunicação para a transformação social, especialmente aquelas que estão emergindo da mais recente geração de movimentos sociais e materializando suas reivindicações ativistas orientadas para a influência, visibilidade, participação e inclusão na sociedade. De lá, mudamos para uma breve apresentação e análise de algumas tipologias recentes e conceituações do campo da ComDev – concebido e praticado como uma prática comunicativa orientada por instituições ou organizações.

Agora, gostaríamos de destacar alguns dos principais desafios que vejo para a reformulação da Comunicação para o desenvolvimento e transformação social, neste momento histórico, seguindo o “ano revolucionário” de 2011. A análise acima nos ajudou a identificar cinco características constitutivas que, acreditamos, irão desafiar o campo da Comunicação para o desenvolvimento e a transformação social no futuro.

Em primeiro lugar, o conceito de desenvolvimento vai – mais uma vez – requerer profundo debate. Num tempo em que o modelo ocidental de crescimento econômico está em um estado de crise fundamental, e quando as alternativas vão surgindo e sendo discutidas há décadas, como a Comunicação para os estudiosos e profissionais de desenvolvimento deve posicionar-se?

De pensamentos pós-coloniais de Fanon e do discurso pós-desenvolvimento de Escobar, diante do índice de Felicidade Budista, como estudiosos e profissionais da área da ComDev relacionam estes e outros movimentos de desenvolvimento e mudança social, sejam eles ecológicos, baseados nos direitos humanos ou algo mais? A postura normativa clara e explícita é fundamental para orientar a interpretação dos problemas que nós, os cidadãos, mobilizamos, criando estratégias e defendendo nossos interesses, vindos de dentro ou de fora de sistemas de organização.

Em segundo lugar, os novos movimentos sociais voltam a sublinhar a necessidade de reconhecer as lutas de poder como um contexto central em que nós nos comunicamos para o desenvolvimento e a transformação social. Governança é parte integrante deste debate, pois tem o poder de administrar os recursos de uma sociedade. Governança participativa é quando os cidadãos tem um



papel a desempenhar neste processo para além da mera eleição de políticos no período eleitoral.

Empoderamento tornou-se um conceito bastante neutralizado nos últimos anos, mas o fato de que algumas pessoas têm poder e administram os recursos é uma premissa chave a se considerar. A forte atenção para as dinâmicas entre lutas de poder e as práticas de governo pode ajudar a Comunicação a ser um guia para o desenvolvimento e a transformação social. O conceito de “cibercultura” pode nos ajudar a teorizar ainda mais o campo. Cibercultur@ não deve ser conceituada como era nos estudos da internet na década de 1990. Cibercultur@, como Jorge Gonzalez conceitua, é sobre pessoas comuns adquirirem culturas de governo; cyber significa “governar” em grego (GONZALEZ, 2009).

Em terceiro lugar, os desenvolvimentos recentes da mídia levaram a uma proliferação de novos espaços de deliberação, participação e agência. O debate público tem sido reconhecido como um dos pilares de fundação do desenvolvimento democrático, mas os participantes e espaços para estes debates estão mudando. A ênfase de Couldry sobre as tecnologias de voz em uma política pós-neoliberal é uma condição para o fator de Comunicação para o desenvolvimento e a transformação social. Múltiplas esferas públicas estão gerando muitas vozes diferentes.

Em quarto lugar, como a sociedade em rede evoluiu, e mídias sociais tornaram-se integradas nas práticas sociais do cotidiano em mais e mais lugares do globo, vemos uma dissolução das formas anteriormente separadas de Comunicação, com a Comunicação interpessoal de um lado e a Comunicação de massa do outro.

Central a este processo, vemos *a polifonia emergindo como uma condição comunicativa dos nossos tempos*. Na música, a polifonia é uma textura que consiste em duas ou mais vozes melódicas independentes. Com as relações e práticas de Comunicação, muitos hoje se comunicam com muitos em um mix de práticas sociais *online* e *offline*. A característica mais importante parece ser o caráter da rede de relações sociais e formas de Comunicação, permitindo uma multiplicidade de vozes a falar juntas. Isto é estabelecer novos padrões e produzir novas lógicas de Comunicação.

Temos visto por um longo tempo uma transição do domínio de formatos de mídia monológicas que trabalham com Comunicação em uma via para formatos de mídias dialógicas que trabalham com Comunicação bidirecional. Cada vez mais, agora, estamos nos movendo para formatos de mídia polifônica que trabalham com Comunicação em rede, que ocorre entre muitos atores ao mesmo tempo. Isso está se tornando uma premissa fundamental para qualquer Comunicação em nosso tempo. Está vagamente conectada com a noção de um ambiente comunicativo polimidiático emergente, desenvolvida por Mirca Madianou e Daniel Miller em seu estudo etnográfico de Comunicação em profundidade da família em famílias migrantes (MADIANOU; MILLER, 2012).

Finalmente, influenciando as estruturas de poder, há uma voz ganhando lugar nos processos de mudança social e política, resultado de *uma articulação cada vez maior de táticas por parte dos cidadãos*, os cidadãos que estão se tornando requerentes de desenvolvimento, mobilizando movimentos sociais e, neste contexto, articulando táticas para envolver-se no desenvolvimento e na transformação social. De acordo com Michel de Certeau (1984), as táticas são os esforços feitos por pessoas comuns para criar espaços para si, através do qual eles podem superar as estratégias e as estruturas de poder a que são submetidos. A resposta dos cidadãos comuns é buscar desenvolver táticas cidadãs – formas e meios de construir a sua própria utilidade e seu próprio significado na vida cotidiana. Em contraste com a perspectiva jornalística tradicional, o agente da mudança não reside mais no jornal ou no jornalista, mas no cidadão comum.

Ao considerar as táticas dos cidadãos na dinâmica comunicativa da sociedade em rede, as instituições – sejam elas ONGs, estados, governos ou empresas privadas – podem desenvolver uma sensibilidade para o cidadão, ouvindo e mantendo conversas com eles, a fim de melhor compreendê-los. Sem perder de vista o lado político e econômico, instituições da sociedade podem muito bem ver o agente da transformação social se desenvolver nas mãos dos cidadãos. Isso pode muito bem ser o mais profundo desafio para o campo da Comunicação para o desenvolvimento e a transformação social no futuro.

## Referências

- ALBROW, M.; ANHEIER, H.; GLASIUS, M.; PRICE, M.; KALDOR, M. **Global civil society**. Communicative Power and Democracy. London: Sage. 2007/8.
- BENNETT, L. New media power. In: COULDRY, N.; CURRAN, J. (Eds). **Contesting media power**. 2003.
- CASTELLS, Manuel. **Communication power**. Oxford: Oxford University Press. 2009.
- COULDRY, Nick. **Why voice matters: culture and politics after neoliberalism**. London: Sage. 2010.
- CERTEAU, Michel de. **The practice of everyday life**. Berkeley: University of California Press. 1984.
- DOWNING, John. **Encyclopedia of social movement media**. London: Sage. 2010.
- GAVENTA, John. Foreword. In: KABEER, N. (ed.). **Inclusive citizenship**. Meanings and expressions. London: Zed Books. 2005.
- \_\_\_\_\_; TANDON, R. (Eds). **Globalizing citizens**. New dynamics of inclusion and exclusion. London: Zed Books. 2010.
- GONZALEZ, Jorge. Digitalizados por decreto. Cibercultur@ e inclusión forzada en América Latina. **Estudios sobre las culturas contemporáneas**, Epoca II, v. XIV, n. 27, p. 47-66, 2009.
- GUMUCIO-DAGRON, A.; TUFTE, T. (Eds). **The communication for social change anthology**. Historical and contemporary readings. New Jersey: Communication for Social Change Consortium. 2006.
- HEMER, O.; TUFTE, T. (eds). **Media and glocal change**. Rethinking communication for development. Göteborg, Buenos Aires: Nordicom e CLACSO, 2005.
- INGLEHART, R. **The silent revolution: changing values and political styles among western publics**. Princeton University Press: Princeton, 1977.
- KAVADA, Anastasia. **Digital communication technologies and collective action: towards a conceptual framework**. Paper presented at the 'Political Communication' Section of the IAMCR 2011 General Conference, Istanbul, 13-17 July 2011.

\_\_\_\_\_. Forthcoming. *Transnational civil society and social movements*. In: Wilkins, K., T. Tufte, T and R. Obregon (Eds). **Handbook of development communication and social change**. Malden: Blackwell-Wiley. p.351-369.

LIEVROUW, L.A. **Alternative and activist new media**. Cambridge: Polity, 2011.

MADIANOU, Mirca; MILLER, D. **Migration and new media: transnational families and polymedia**. London: Routledge, 2011.

MANYOZO, Linje. Locating the praxis of development radio broadcasting within development communication. **Journal of Global Communication Research Association**, 2004.

\_\_\_\_\_. Manifesto for development communication: Nora Quebral and the Los Baños School of Development Communication. **The Asian Journal of Communication.**, v. 6, n. 1, p. 79-99, 2006.

MARSHALL, D. Behavior, belonging and belief: a theory of ritual practice. **Sociological Theory** 20. n.3, p.360-380, 2002.

McDONALD, K. **Global movements. Action and culture**. Malden: Blackwell Publishing, 2006.

MELUCCI, A. The symbolic challenge of contemporary movements. **Social Research**. N.52, p.789-816, 1985.

MORRIS, Nancy. The diffusion and participatory models: a comparative analysis. In: Hemer, O. Tufte, T. (Eds). **Media and Glocal Change .Rethinking Communication for Development**. Göteborg & Buenos Aires: Nordicom e CLACSO, 2005. p. 123-144.

OBREGON, R.; MOSQUERA, M. Participatory and cultural challenges for research and practice in health communication. In: HEMER, O.; TUFTE, T. (Eds.) **Media and glocal change**. Rethinking Communication for Development. Göteborg & Buenos Aires: Nordicom & CLACSO, 2005. p. 233-246.

QUARRY, Wendy ; RAMIREZ, Ricardo. **Communication for another development: Listening before telling**. London: Zed Books, 2010.

SÁEZ, Victor M.. **Comunicar para transformar, transformar para comunicar**. Tecnologías de la información desde una perspectiva de cambio social. Madrid: Editorial Popular, 2011.

SILVA, J. Souza de. **Hacia el “Día Después del Desarrollo”**. Descolonizar la comunicación y la educación para construir comunidades felices con modos de vida sostenibles. SICOM and ALER: Arandurá Editorial, Asunción, Paraguay, 2011.

THOMAS, Pradip. Beyond the Status Quo? Observations on Theorising Development, the Digital & Social Change in India. In: MELKOTE, S.R. (ed.) **Development communication in directed social change**. A reappraisal of theory and practice. Singapore: AMIC, 2012. p. 44-67

THOMPSON, L.; TAPSCOTT, C. Introduction: mobilization and social movement in the South – the challenges of inclusive governance. In: THOMPSON, L. ; TAPSCOTT, C. (Eds). **Citizenship and social movements**. Perspectives from the global south. London: Zed Books, 2010. P.1-34. .

TOURRAINE, Alain. **The voice and the eye: an analysis of social movement**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

TUFTE, Thomas. Entertainment-Education in development communication. Between marketing behaviours and empowering people. In: **Nordic yearbook on children, youth and the media**. Nordicom, Gothenburg, 2004. Reprinted in: O. Hemer and T. Tufte, 2005. (eds). **Media and Glocal Change. Rethinking Communication for Development**. Göteborg& Buenos Aires: Nordicom& CLACSO, 2005. p. 159-176

\_\_\_\_\_. **Media and the Global Divide: A bottom-up and citizen perspective**. In: *Nordicom Review, Jubilee Issue*, v. 30, 2009.

\_\_\_\_\_. Mediápolis, human (in)security and citizenship communication and glocal development challenges in the digital era. In: CHRISTENSEN, C.; JANSSON, A. ; (Eds) **Online Territories: Globalization, mediated practice and social space**. New York: Peter Lang Publishers, 2011. p. 113-131.

\_\_\_\_\_. MEFALOPULOS; P. **Participatory communication**. Washington: World Bank, Working Paper Series, 2009.

TUFTE, Thomas et al. From Voice to Participation? Analysing Youth Agency in Letter Writing in Tanzania. In: Tufte, T.; Enghel, F. (Eds). **Youth engaging with the world. Media, communication and social change** The International Clearinghouse on Children, Youth and Media, Nordicom and UNESCO: University of Gothenburg, 2009. p. 155-172.

URA, K.; GALAY, K. (Eds). **Gross national happiness and development**. Proceedings of the First International Seminar on Operationalization of Gross National Happiness. The Centre for Bhutan Studies. Thimpu, Bhutan, 2004.

Thomas Tufte

Doutor pela Universidade de Copenhagen, Dinamarca, desde 2004 é professor titular em Comunicação da Universidade de Roskilde, Dinamarca e, desde 2013, também ‘Senior Research Associate’ na Faculdade de Ciências Humanas na Universidade de Johannesburgo, África do Sul. Atualmente, é diretor do programa

THOMAS TUFTE

de pesquisa 'People Speaking Back? Media, Empowerment and Democracy in East Africa' e também fundador e co-diretor do Orecomm, Centro Bi-nacional de pesquisa em Comunicação e transformação glocal. Trabalha, especialmente, com temas sobre o uso dos meios de Comunicação, cidadania e empoderamento. Autor, co-autor ou organizador de 12 livros e mas de 50 artigos publicados em revistas científicas ou capítulos de livro.

Recebido em: 01.08.2013

Aceito em:17.11.2013